

# Dever de Casa

25 ABR 1996

O Brasil exibe na comunidade internacional a imagem de democracia consolidada e economia em processo de estabilização, mas com a dramática ressalva de que a manutenção da estabilidade a longo prazo — condição *sine qua non* para um novo ciclo de crescimento sustentável — depende da aprovação de um respeitável elenco de reformas constitucionais pelo Congresso.

Os grandes investidores internacionais sabem perfeitamente que um sistema político aberto opera num ritmo condicionado pelas dificuldades da negociação política. Mas a matéria é vasta e o tempo está se esgotando com rapidez — o Congresso só tem praticamente até julho para fazer o seu dever de casa acumulado.

Portanto é inadmissível continuar adiando a aprovação das reformas previdenciária, administrativa e fiscal. Sem falar que as reformas econômicas já aprovadas há dez meses — o fim dos monopólios das comunicações, gás, petróleo, navegação de cabotagem e empresa nacional — continuam à espera de regulamentação que é atribuição do Legislativo.

O recado é claro: os políticos têm de quebrar a inércia que paralisa o Congresso, se pretendem se concentrar nas campanhas políticas do segundo semestre. O eleitorado não vai concordar com uma atitude evasiva que acarrete o desperdício de um ano e ponha em risco o que o governo conquistou até aqui. A bola está com o Congresso.

É fácil medir o eventual prejuízo. Por exemplo, quando em meados de março Fernando Henrique reuniu-se com presidentes de trinta corporações da Califórnia, pesos pesados como o Bank of America, AT&T e Bechtel, sentiu que é vivíssimo o interesse pela área de telecomunicações. Essa gente não vai ficar esperando indefinidamente a regulamentação da abertura da economia.

Lembre-se à guisa de estímulo para os parlamentares brasileiros que o Brasil ocupa a 19ª posição na pauta de exportações da Califórnia, o estado mais rico dos Estados Unidos, recebendo apenas 1% dos US\$ 81 bilhões de suas vendas externas, enquanto os países asiáticos absorvem nada menos que 47% das exportações da Califórnia.

Esta tendência só passou a ter condições de ser revertida a partir do momento em que o importante estado americano — com 70% de suas exportações concentradas no setor de tecnologia de ponta, foi informado de que o Brasil havia abandonado a reserva de mercado para a informática, estava abrindo sua economia e se preparava para desestatizar o setor de telecomunicações.

Como se depreende do exemplo acima, toda e qualquer morosidade ou negação do Congresso na votação das reformas ou na regulamentação de matéria já aprovada, num ano já prejudicado por eleições municipais, adia de forma perigosa a retomada do crescimento econômico do Brasil nas suas taxas históricas e faz o jogo insuportável das forças políticas do atraso.